



A campanha oposicionista ao governador paranaense Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955) por meio da caricatura política

*Alessandro Batistella**

Introdução

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta (2006: p. 15), as expressões “caricatura” e “charge” são geralmente utilizadas indistintamente, uma vez que não há definições canônicas. Segundo o pesquisador (2006: p. 15), uma das propostas de distinção define “caricatura” como o retrato “carregado¹” de figuras humanas conhecidas, enquanto a “charge” abordaria fatos ou acontecimentos específicos.

De acordo com a proposta de distinção de Camilo Riani (Apud GAWRYSZEWSKI, 2008: p. 11):

Caricatura – desenho humorístico que prioriza a distorção anatômica, geralmente com ênfase no rosto e/ou em partes marcantes/diferenciadas do corpo do retratado, revelando também, implícita ou explicitamente, traços de sua personalidade;
Charge – desenho humorístico sobre fato real ocorrido recentemente na política, economia, sociedade, esportes, etc. Caracteriza-se pelo aspecto temporal (atual) e crítico.

Em seu artigo, Alberto Gawryszewski (2008: p. 12) cita a distinção entre charge e caricatura proposta por Luiz Guilherme Sodrê Teixeira:

[...] a charge, diferentemente da caricatura e do cartum, busca a apreensão do real. Seu traço é pela reflexão do real, uma crítica à razão onde o humor é a base da narrativa. Portanto, [...] “a charge resume situações políticas que a sociedade vive como problemas, e os re-cria com os recursos gráficos que lhe são próprios”. Já a caricatura não visa essencialmente a reflexão, a crítica. Sua função seria reproduzir o personagem em si mesmo, ou seja, seu limite é a própria composição física do retratado, sua resposta está no exagero: o orelhudo, o narigudo, barrigudo. Sua marca seria a extravagância, o exagero nos traços, na semelhança. Mas, para este autor, a caricatura não é agressiva, embora cause o riso.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo/RS (UPF).

¹ “Carregar”, nesse caso, tem o sentido de exagerar, de ressaltar determinadas características do retratado, sempre com intenção crítica e zombeteira. Significa fazer carga contra alguém, ou seja, atacar (MOTTA, 2006: p. 15).

Os dois exemplos citados anteriormente demonstram como os conceitos de caricatura e charge estão longe de um consenso entre os estudiosos do tema. Soma-se a isso o amplo debate envolvendo os conceitos de caricaturas políticas e charges políticas. Neste sentido, Alberto Gawryszewski (2008: p. 13) observou que alguns estudiosos, como Carlos Abreu e Enrique Malagón, consideram que a caricatura política vai além do simples conceito de caricatura como traços característicos e físicos do personagem, pois engloba também preocupações sociais e políticas do caricaturista. Em outras palavras, não estaríamos diante apenas de um narigudo ou barrigudo, mas diante de uma situação política ou social.

Todavia, optamos em utilizar no presente artigo a expressão “caricatura política” porque as mesmas não se limitam a representar os personagens em si mesmos, uma vez que ultrapassam a representação pessoal distorcida criticando determinados fatos políticos, sociais e/ou econômicos. Contudo, também haverá algumas imagens que poderão ser classificadas como “charges políticas”, uma vez que estas não estão representando personagens políticos reais, mas criticando determinados fatos políticos, sociais e/ou econômicos.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta (2006: p. 19-21), a fácil adaptação da caricatura ao discurso jornalístico deve-se ao fato desta funcionar como crônica política, que, na maior parte dos casos, constituem-se em críticas por meio de ataques zombeteiros, em representações grotescas e cômicas de personagens conhecidos do público. Ademais, as caricaturas políticas geralmente são utilizadas como armas de ataque aos adversários²: apontando defeitos e más ações ou realçando qualidades negativas das figuras retratadas, o objetivo é zombar do personagem representado, mostrando-o como um ser ridículo e derrisório³.

² Conforme ressalta Rodrigo Patto Sá Motta (2006: p. 20-21): “A caricatura é antes uma arma de ataque do que de defesa: é na mordacidade que ela revela melhor o seu o seu potencial. Existem caricaturas elogiosas, mas essas geralmente não têm brilho nem graça. As melhores são as que, para atingir o efeito cômico desejado, zombam impiedosamente dos personagens sob a mira do lápis do artista. Por isso, em geral as caricaturas políticas são dedicadas aos adversários, raramente aos líderes admirados”.

³ Segundo ainda Rodrigo Patto Sá Motta (2006: p. 19-21), tornar uma personalidade pública objeto do riso significa apontar nele debilidades ou falhas, realçando as suas fraquezas. Portanto, não é um ato fortuito, mas uma ação carregada de implicações políticas, pois a comicidade está ligada a uma operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri, uma vez que quando alguém ri de outrem está expressando uma sensação de superioridade desdenhosa, sentindo-se elevado em comparação a pessoas cujos defeitos ou deficiências são salientados.

Empregada como estratégia de comunicação e de crítica política, as caricaturas fazem uso de recursos cognitivos fora do alcance dos discursos políticos convencionais, “traduzindo” eventos, conflitos e personagens políticos para uma linguagem popular, tornando tais temas mais palatáveis e próximos do universo de compreensão do povo (MOTTA, 2006: p. 18 e 27). No entanto, convém ressaltar que essa “tradução” de eventos, conflitos e personagens políticos realizadas pelo caricaturista expressam o seu ponto de vista, as suas idéias e, por vezes, as suas posições político-partidárias. Assim, as caricaturas política, com frequência, expressam o ponto de vista do periódico sobre os temas em debate, como se ilustrassem a posição política do jornal (MOTTA, 2006: p. 19 e 23).

No Paraná, durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955), o jornal *O Dia*⁴ inovou na sua crítica e na campanha oposicionista empreendida contra o governador paranaense ao publicar diariamente – durante os meses de dezembro de 1952 e setembro de 1953 – caricaturas políticas que criticavam e satirizavam o governador do Paraná. Portanto, o presente artigo tem o objetivo de analisar algumas destas caricaturas publicadas pelo jornal *O Dia*.

Breves considerações acerca da trajetória política de Bento Munhoz da Rocha Neto⁵

Oriundo de uma família tradicional do Paraná, proprietária de engenhos de mate e ligada ao comércio exportador deste produto, Bento Munhoz da Rocha Neto nasceu em Paranaguá a 17 de dezembro de 1905, filho de Caetano Munhoz da Rocha e Olga Souza Munhoz da Rocha. Seu pai, Caetano Munhoz da Rocha (1879-1944), era médico e um dos

⁴ *O Dia* foi fundado em 1923 e pertencia ao jornalista e político Caio Gracho Machado de Lima, oriundo de uma tradicional família política do Paraná. Caio Machado de Lima exerceu o mandato de deputado estadual entre os anos de 1908-1909, 1930-1931 e 1935-1937. Em 1942, Caio Machado de Lima se desentendeu com o interventor Manoel Ribas e, como retaliação, teve o seu jornal estatizado. Em 1946, *O Dia* foi arrendado pelo abastado empresário e político Moysés Lupion, do Partido Social Democrático (PSD), que o utilizou explicitamente para fins políticos. Dirigido por Raul Vaz, amigo e homem de confiança de Lupion, esse jornal tornou-se o órgão oficial do lupionismo até o seu fechamento, em julho de 1961.

⁵ Sobre mais detalhes acerca da trajetória política de Bento Munhoz da Rocha Neto, ver os trabalhos de José Pedro Kunhavalik (2004) e Vanderlei Rebelo (2005).

mais influentes líderes do Partido Republicano Paranaense (PRPR), que governou o Paraná durante dois mandatos sucessivos (1920-1924 e 1924-1928) e elegeu-se senador em 1928⁶.

Bento Munhoz da Rocha Neto se formou engenheiro, em 1926, pela Universidade do Paraná; em 1929, casou-se com Flora Camargo, filha de Affonso Alves de Camargo – um tradicional político do Partido Republicano Paranaense (PRPR) que presidiu o estado entre 1916-1920 e 1928-1930 (sendo destituído pela Revolução de 1930) –, reforçando assim a união política entre as duas tradicionais famílias paranaenses⁷, que desde 1916 dominavam politicamente o estado.

Embora tenha se formado em engenharia, Bento Munhoz da Rocha Neto não se dedicou efetivamente a esta profissão (ocupou, por um breve período, o cargo de engenheiro na Caixa Econômica Federal), inclinando-se – a partir de 1940 – à carreira acadêmica na área de Ciências Humanas: foi professor de História, de Sociologia e de Psicologia na Universidade do Paraná e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. No decorrer da sua vida, também publicou inúmeros livros, artigos e ensaios (KUNHAVALIK, 2004: p 147-148).

Por outro lado, o intelectual Bento Munhoz da Rocha Neto era considerado o herdeiro político das oligarquias destronadas pela Revolução de 1930 e era, no Paraná, um dos opositores da ditadura estadonovista de Getúlio Vargas. Com a crise do Estado Novo e o processo de redemocratização iniciado em 1945, Bento Munhoz da Rocha Neto ingressou na Frente Única do Paraná⁸, organização que aglutinava os grupos opositores a Vargas no estado e que realizava uma campanha sistemática à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à

⁶ No entanto, Caetano Munhoz da Rocha não cumpriu inteiramente o seu mandato no Senado, pois a Revolução de 1930 fechou o Congresso Nacional e as Assembléias estaduais.

⁷ A família Alves de Camargo representava os proprietários de terra dos Campos Gerais e de Guarapuava; a família Munhoz da Rocha, por sua vez, representava os setores dominantes do litoral e os interesses ervateiros (OLIVEIRA, 2001: p. 239).

⁸ Articulada no final de fevereiro de 1945 e lançada oficialmente em março, a Frente Única do Paraná reunia nomes como o major Plínio Alves Monteiro Tourinho, Joaquim Pereira de Macedo (que representavam o grupo dos ex-aliados de Getúlio marginalizados depois de 1930), Laerte Munhoz, Arthur Ferreira dos Santos (que representavam o grupo dos oligarcas que foram aliados do poder após 1930), Erasto Gaertner, Francisco de Paula Soares Neto, Otávio da Silveira, o intelectual David Carneiro, o engenheiro Othon Mader, o jornalista Caio Machado, entre inúmeros outros políticos, profissionais liberais, intelectuais e estudantes.

presidência da República e à volta do Território do Iguazu⁹ à jurisdição do Paraná. No final de maio de 1945, a Frente Única integrou-se à União Democrática Nacional (UDN), dando origem ao partido no estado¹⁰.

Nas eleições de dezembro de 1945, Bento Munhoz da Rocha Neto foi eleito deputado federal constituinte¹¹ pela UDN paranaense. No ano seguinte, ao lado de outros dissidentes, Munhoz da Rocha articulou a criação do Partido Republicano (PR) no Paraná¹², partido cujas raízes remontam aos antigos PR's da República Velha. Liderado, em nível nacional, pelo ex-presidente Arthur Bernardes, o PR aglutinava os remanescentes das antigas oligarquias estaduais da Primeira República (FLEISCHER, 1981: p. 60-61).

Em 1947, o deputado federal Bento Munhoz da Rocha Neto concorreu ao governo do Paraná, disputando a eleição contra o abastado empresário Moysés Lupion de Tróia¹³, do Partido Social Democrático (PSD). Considerado o herdeiro político do ex-interventor Manoel Ribas, que faleceu em janeiro de 1946, Lupion ambicionava o governo do Paraná e utilizava a sua fortuna para promover a sua candidatura, inclusive comprando jornais – como *O Dia*, de Curitiba, e *Correio do Paraná*, de Londrina, além de 49% da *Gazeta do Povo*, de Curitiba – e emissoras de rádios, como a *Rádio Sociedade Guairacá Ltda.*, em Curitiba – que controlava seis outras emissoras no interior do Paraná (SALLES, 2004: p. 98).

Além do poderio financeiro, Lupion também costurou uma grande aliança interpartidária envolvendo o PSD, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – que possuía um Diretório amplamente lupionista –, a UDN e o Partido de Representação Popular (PRP).

⁹ O Território Federal do Iguazu submetia-se diretamente ao governo federal. Foi criado pelo Decreto Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, e abrangia a região dos municípios paranaenses de Foz do Iguazu, Iguazu e Clevelândia, além da região oeste de Santa Catarina. Abrangendo regiões de fronteiras internacionais, o Território do Iguazu foi criado sob a justificativa de envolver problemas de integridade e segurança nacional e de buscar-se a sua integração ao território nacional.

¹⁰ Cf. A reunião da comissão central da Frente Única do Paraná. In: *Gazeta do Povo*, 31 maio 1945, p. 5.

¹¹ Na Assembleia Nacional Constituinte, Bento Munhoz da Rocha Neto defendeu sistematicamente à volta do Território do Iguazu à jurisdição do Paraná e Santa Catarina. (Cf. REBELO, 2005: p. 67-71).

¹² O Partido Republicano (PR) obteve relevância política no Paraná, alcançando o posto de quarto principal partido do estado durante a década de 1950.

¹³ Amigo íntimo do ex-interventor federal no Paraná, Manoel Ribas (1932-1945), Moysés Lupion de Tróia nasceu em Jaguariaíva (PR) em 25 de março de 1908. Formou-se em contabilidade pela Escola Álvares Penteado, em São Paulo. De volta ao Paraná, atuou como empresário do setor madeireiro e construiu um império econômico (CARNEIRO; VARGAS, 1994: p. 199-201).

Embora Bento Munhoz da Rocha Neto tenha recebido o apoio do Partido Libertador (PL), de uma pequena dissidência pessedista liderada por Brasil Pinheiro Machado e de um grupo de dissidentes udenistas que não compactuaram com a contraditória aliança com os partidos varguistas (PTB e PSD), o jornalista Samuel Guimarães Costa (1994: p. 366) relata que a candidatura de Lupion era praticamente invencível, pois contava com o apoio oficial dos três principais partidos (PSD, PTB e UDN) e dispunha de muitos recursos financeiros. Com o seu nome sendo propagandeado em todo o estado por meio de rádios e jornais de grande circulação (*O Dia* e *Gazeta do Povo*), Lupion utilizava-se de um discurso popular (cujo *slogan* era “Paraná Maior”) e dizia-se representar a renovação – uma vez que não pertencia às famílias tradicionais –, ao contrário de Bento Munhoz da Rocha Neto, que era representado como um candidato das elites curitibanas (MAGALHÃES, 2001: p. 56).

Desta maneira, Lupion venceu as eleições de 19 de janeiro de 1947 com uma ampla margem de votos:

Tabela 1 – Resultado das eleições para o governo do Paraná em 1947

Candidato	Partido/Coligação	Nº de votos	%
Moysés Lupion de Tróia	PSD/PTB/UDN/PRP	90.251	59,1%
Bento Munhoz da Rocha Neto	PR	44.809	29,3%
Branços		11.228	7,3%
Nulos		6.522	4,3%
Total		152.810	100%

Fonte: IPARDES, 1989: p. 11.

Derrotado nas eleições de 1947, Bento Munhoz da Rocha Neto tornou-se um dos principais inimigo político do novo governador paranaense.

Durante o seu governo, Moysés Lupion e o PSD romperam com a UDN¹⁴, o PRP e o PTB¹⁵, o que contribuiu para fortalecer a candidatura de Bento Munhoz da Rocha Neto ao governo do estado nas eleições de 1950, por meio da articulação de uma grande aliança antilupionista envolvendo o PR, a UDN, o PRP, o Partido Libertador (PL), o Partido Social Trabalhista (PST) – então liderado pelo jornalista Roberto Barrozo – e que também contou com o importante apoio de uma significativa fração do PTB e de uma ala dissidente do PSD (capitaneada pelos influentes deputados federais Major Fernando Flores e Aramis Athayde – cunhado de Munhoz da Rocha).

Durante a sua campanha eleitoral, Bento Munhoz da Rocha Neto centrou-se na defesa da moralidade do homem público – ao estilo udenista –, em um contexto em que Moysés Lupion estava com a sua imagem desgastada devido às acusações de improbidade administrativa¹⁶ (KUNHAVALIK, 2004: p. 167). Assim, nas eleições de 3 de outubro de 1950 Bento Munhoz da Rocha Neto derrotou, com ampla margem de votos, o candidato lupionista Angelo Lopes (PSD):

Tabela 2 – Resultado das eleições para o governo do Paraná em 1950

Candidato	Partido/Coligação	Nº de votos	%
Bento Munhoz da Rocha Neto	PR/UDN/PRP/PL/PST	172.586	62,9%
Ângelo Ferrari Lopes	PSD	84.324	30,7%
Carlos Amoreti Osório	PSB	210	0,1%
Branco		11.890	4,3%
Nulos		5.550	2%

¹⁴ No final de 1947, a crise entre o PSD e a UDN acentuou-se e o iminente rompimento foi oficializado no início de 1948. A partir de então a UDN do Paraná empreendeu uma ferrenha oposição ao governo Lupion, tornando-se uma implacável e eterna inimiga do governador paranaense (Cf. BATISTELLA, 2016).

¹⁵ Colocado à margem do governo, as relações entre o PTB paranaense e o governador se deterioraram e, gradativamente, os petebistas passaram a fazer oposição a Lupion, cujo rompimento foi oficializado em setembro de 1948 (Cf. BATISTELLA, 2016).

¹⁶ A campanha oposicionista a Lupion, em 1950, o fez uma figura nacionalmente conhecida como político inescrupuloso. Acusam-no também de estar cercado de homens públicos cuja honestidade é colocada sob suspeita. Essa propaganda se estende até os anos 1960 (MAGALHÃES, 2001: p. 56).

TOTAL		274.560	100%
-------	--	---------	------

FONTE: IPARDES, 1989: p. 11.

Apesar do antagonismo político com Moysés Lupion, Bento Munhoz da Rocha Neto, durante o seu governo (1951-1955), deu continuidade ao programa do seu antecessor, sobretudo no que se refere às políticas de colonização e expansão das fronteiras agrícolas das regiões oeste/sudoeste e norte do estado (MAGALHÃES, 2001: p. 57).

David Carneiro e Túlio Vargas (1994, p. 205) lembram que o governo de Munhoz da Rocha também priorizou projetos rodoviários, fundamentais para a integração do estado e para a escoação da produção agrícola do estado¹⁷. Neste sentido, José Pedro Kunhavalik (2004: p. 191) ressalta que o governador procurou implementar políticas públicas visando a promover a integração do estado em nível físico, econômico, social e político.

Além disso, o governo Bento Munhoz da Rocha Neto investiu em diversas obras em Curitiba, alusivas às festividades da comemoração do centenário da emancipação política do Paraná¹⁸, como o Centro Cívico (CC) e o seu conjunto de edifícios destinados a centralizar a administração pública¹⁹, a Praça do Centenário (Praça Dezenove de Dezembro e o Monumento do Centenário), a Biblioteca Pública do Paraná e o novo Teatro Guaíra. Ademais, as comemorações do centenário de emancipação política do Paraná contribuíram

¹⁷ Conforme Marion Magalhães (2001: p. 63), na região norte a carência verificada no setor impedia o escoamento da produção, levando a que esta fosse realizada via São Paulo e Santos, gerando prejuízos à arrecadação fiscal do estado, além de ameaçar a unidade política do Paraná – dado que o norte estava mais dependente da administração paulista do que da paranaense, remetendo àquele estado suas demandas e expectativas.

¹⁸ O Paraná emancipou-se politicamente de São Paulo no dia 19 de dezembro de 1853.

¹⁹ Como as sedes dos poderes Executivo (Palácio São Francisco) e Legislativo (Palácio Rio Branco) já estavam bastante acanhadas para suas funções burocráticas, o governador decidiu substituí-las, reunindo toda a administração pública – as sedes dos poderes Executivo (Palácio Iguazu), Legislativo e Judiciário e os órgãos auxiliares dos três poderes – em novos prédios que seriam edificadas numa única região de Curitiba, que ele chamou de Centro Cívico (REBELO, 2005: p. 239). O lugar escolhido para sediar o Centro Cívico era conhecido então como Campo do Paraná ou Vila Lustosa. Embora se localizasse a apenas 1.500 metros da praça Tiradentes – centro de Curitiba –, o bairro tinha características de zona rural, com campos de pastagem de gado e algumas poucas casas (REBELO, 2005: p. 241).

para que os anos do governo de Munhoz da Rocha fossem marcados por um “paranismo²⁰” ufanista.

Entretanto, as iniciativas de Bento Munhoz da Rocha Neto não chegaram a investi-lo de popularidade, particularmente no interior do estado. Assim, a sua gestão foi considerada pela opinião pública como excessivamente elitista, pois se deteve principalmente à cidade de Curitiba, em detrimento dos investimentos no interior do estado (MAGALHÃES, 2001: p. 56).

A campanha oposicionista ao governador Bento Munhoz da Rocha Neto por meio da caricatura política

Na arena política, Bento Munhoz da Rocha Neto enfrentou a oposição sistemática do PSD, partido majoritário na Assembleia Legislativa estadual e que dominava a grande imprensa paranaense – sobretudo os jornais *Gazeta do Povo* e *O Dia* –, onde era frequentemente e duramente criticado. Em particular, o matutino curitibano *O Dia*, que pertencia ao ex-governador Moysés Lupion (PSD), inovou nas suas críticas a Bento Munhoz da Rocha Neto: entre os meses de dezembro de 1952 a setembro de 1953 – isto é, nas vésperas das comemorações do centenário da emancipação política do Paraná – passou a publicar diariamente caricaturas políticas, produzidas pelos caricaturistas Carlos e Djonir, que criticavam, ironizavam e ridicularizavam o governador paranaense.

No que tange aos ataques pessoais, algumas caricaturas exploraram a suposta imagem de “boêmio²¹” de Bento Munhoz da Rocha Neto, conforme demonstram as imagens 1 e 2.

²⁰ O “paranismo” foi um movimento de construção identitária do Paraná que teve início após a sua emancipação política de São Paulo, em dezembro de 1853, e que se popularizou no final da década de 1920. Portanto, o “paranismo” é um movimento regionalista resultante de um longo processo de formulação de uma auto-imagem do estado do Paraná, em contraposição às outras regiões do Brasil. Nesse processo desempenharam um papel fundamental intelectuais, literatos e artistas plásticos, que se tornaram os principais “arquitetos” de uma identidade local. No entanto, convém lembrar que o “paranismo” teve (e tem) pouca influência nas regiões norte e oeste/sudoeste do Paraná, uma vez que estas regiões foram colonizadas principalmente por paulistas e sul-riograndenses e catarinenses, respectivamente. Mais detalhes sobre o paranismo, ver: CAMARGO (2007) e BATISTELLA (2012).

²¹ No final da década de 1930, Bento Munhoz participou de um grupo de intelectuais denominado Patrulha da Madrugada, que se reunia nas redações dos jornais *O Dia* e *Gazeta do Povo* e, após o fechamento dos jornais, saíam e percorriam as praças e os bares para conversar e debater determinados temas (KUNHAVALIK, 2004: p. 153-154).

Imagem 1



Fonte: *O Dia*, 17 mar. 1953, p. 4.

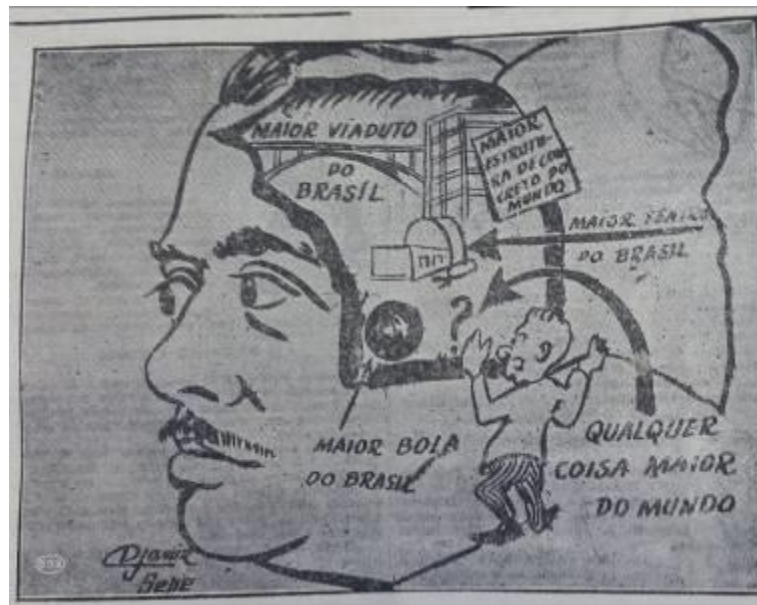
Imagem 2



Fonte: *O Dia*, 18 abr. 1953, p. 4.

Algumas caricaturas, como as reproduzidas nas imagens 3 e 4, caracterizam Munhoz da Rocha Neto como um indivíduo megalomaniaco e egocêntrico, criticando também o fato do governador investir muitos recursos financeiros nas obras de comemoração do centenário do Paraná. Em particular, a imagem 5 associa às obras “faraônicas” do Centro Cívico à uma pirâmide egípcia.

Imagem 3



Fonte: *O Dia*, 27 jan. 1953, p. 4.

Imagem 4



Fonte: *O Dia*, 14 set. 1953, p. 4.

No entanto, a maioria das caricaturas publicadas pelo jornal *O Dia* criticavam sistematicamente um suposto desperdício do dinheiro público e os altos gastos do governo

estadual empreendidos nas construções do Centro Cívico (CC) e nas demais obras de comemoração do centenário. Vejamos, por exemplo, as imagens 5, 6, 7 e 8:

Imagem 5



Fonte: *O Dia*, 18 jan. 1953, p. 4.

Imagem 6



Fonte: *O Dia*, 9 abr. 1953, p. 4.

Imagem 7



Fonte: *O Dia*, 18 mar. 1953, p. 4.

Observa-se que a imagem 7 (acima) faz uma analogia ao futebol: o governador chutando bolas (que representam o dinheiro público) em uma trave (que representa o Centro Cívico). Já a imagem 8 (abaixo) representa Munhoz da Rocha como um cozinheiro, que está

queimando o dinheiro público em uma fogueira, que aquece um forno (que representa a Secretaria da Fazenda) no qual é preparado um prato denominado “Centro Cívico”.

Imagem 8



Fonte: *O Dia*, 3 maio 1953, p. 4.

A caricatura na imagem 9 (abaixo) utiliza a conhecida fábula da formiga e da cigarra para criticar o fato de Munhoz da Rocha estar com poucas reservas e com dificuldades em obter mais recursos financeiros para concluir as obras do Centro Cívico (CC) e das comemorações do centenário. Diante de tal panorama, o governo estadual aumentou os impostos sobre vendas e consignações, fato que foi bastante criticado pela oposição, conforme demonstram, por exemplo, as imagens 10, na qual o governador está representado como um índio Apache, que está prestes a “escalpelar” o povo com o aumento em 10% dos impostos sobre vendas e consignações.

Imagem 9



Fonte: *O Dia*, 11 jul. 1953, p. 4.

Imagem 10



Fonte: *O Dia*, 23 set. 1953, p. 4.

No início da década de 1950, o Paraná era um estado pouco industrializado e predominantemente agrícola, dependente economicamente da produção de café na região norte do estado. Dessa forma, a utilização dos recursos provenientes da produção cafeeira para as obras do Centro Cívico (CC) também foram amplamente criticados pelos adversários políticos de Munhoz da Rocha, conforme demonstra a caricatura na imagem 11:

Imagem 11



Fonte: *O Dia*, 22 jan. 1953, p. 4.

Apesar do governo de Munhoz da Rocha ter investido em projetos rodoviários, fundamentais para a escoação da produção agrícola do estado, a qualidade das rodovias paranaenses foi também amplamente criticada por meio das caricaturas e charges.

Imagem 12



Fonte: *O Dia*, 17 jul. 1953, p. 4.

Mesmo em Curitiba, local onde se concentravam a maior parte dos investimentos do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, os opositores também criticavam o fato do governador priorizar o Centro Cívico (CC) e as obras de comemorações do centenário e negligenciar a solução de outros problemas da cidade, como, por exemplo, a escola abandonada no bairro Guabirota (imagem 13), os buracos espalhados pela cidade (imagem 14) e os problemas relativos ao transporte urbano e ao fornecimento de energia elétrica na capital (imagem 15), contrastando com as “obras faraônicas” do Centro Cívico.

Imagem 13



Fonte: *O Dia*, 28 dez. 1952, p. 4.

Imagem 14



Fonte: *O Dia*, 21 maio 1953, p. 4.

Imagem 15



Fonte: *O Dia*, 17 dez. 1952, p. 4.

De fato, os problemas urbanos enfrentados diariamente pela população de Curitiba também foram amplamente utilizados para criticar o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, sobretudo porque nesta época a administração da capital também era responsabilidade do governador, uma vez que o posto de prefeito da capital era um cargo nomeado pelo Executivo estadual.

Com o seu histórico familiar vinculado às oligarquias paranaenses da Primeira República, Bento Munhoz da Rocha Neto era rotulado como um aristocrata e representante das tradicionais e históricas elites políticas e econômicas do Paraná. Desta maneira, algumas caricaturas e charges também procuraram caracterizar o governo de Munhoz da Rocha como “elitista”:

Imagem 16



Fonte: *O Dia*, 3 set. 1953, p. 4.

A caricatura na imagem 17 faz uma sátira ao governador, enfatizando na contradição entre o Munhoz da Rocha intelectual e teórico, cujo discurso não condiz com a sua prática política, uma vez que estaria, na visão dos seus opositores, realizando um governo repleto de problemas, contribuindo, assim, para a queda da sua popularidade (imagem 18).

Imagem 17

A ampla campanha oposicionista empreendida pela imprensa pessedista e lupionista, sobretudo por meio dos jornais *Gazeta do Povo* – o principal jornal do Paraná – e *O Dia*, contribuíram para difundir a imagem do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto como amplamente “elitista”, preocupado somente com a construção das “obras faraônicas” do Centro Cívico e outras relativas às comemorações do centenário de emancipação política do Paraná, em detrimento aos investimentos no interior do estado.

No entanto, Rodrigo Patto Sá Motta (2006: p. 179-181) ressalta que embora as caricaturas ajudem a construir representações de ampla circulação, uma vez que os caricaturistas procuravam construir uma linguagem que permitisse ao grande público compreender o seu discurso, o simples fato delas serem publicadas não garante que tenham impactado o público, nem que tenham sido recebidas e interpretadas de maneira unívoca. Portanto, convém salientar que não foi objetivo deste artigo analisar os temas da apropriação e da recepção, nem verificar o impacto que as caricaturas tiveram em uma eventual perda de popularidade do governador Bento Munhoz da Rocha Neto.

Embora houvesse certo descontentamento no interior do Paraná pelo fato do governador Munhoz da Rocha ter priorizado as obras de construção do Centro Cívico em Curitiba, deve-se lembrar que nas eleições estaduais de 1954 o Partido Republicano (PR) obteve um crescimento eleitoral, elegendo dois deputados federais e sete deputados estaduais²². E em Curitiba, que viveu em 1954 a primeira eleição direta à prefeitura após a redemocratização de 1945, o governador conseguiu eleger o seu candidato – o major Ney Braga²³ – prefeito da capital. Porém, em abril de 1955, Bento Munhoz da Rocha Neto

²² O crescimento eleitoral do PR pode ser constatado se compararmos o seu desempenho com as eleições anteriores: nas eleições de 1945 e 1950 o PR não elegeu nenhum deputado federal; na Assembleia Legislativa, por sua vez, em 1947 o PR elegeu quatro deputados estaduais, ampliando para seis deputados em 1950. Mais detalhes, ver: BATISTELLA (2015).

²³ O militar Ney Aminthas de Barros Braga era ex-cunhado do governador Bento Munhoz da Rocha Neto e ocupava o posto de Chefe de Polícia do Paraná (equivalente a secretário de Segurança Pública) desde 1952. Nas eleições para a prefeitura de Curitiba, Ney Braga, que não era filiado a nenhum partido, teve a sua candidatura lançada por Bento Munhoz da Rocha Neto, concorrendo com o apoio oficial da aliança PR-PSP.

renunciou ao governo do Paraná²⁴ para assumir o Ministério da Agricultura do governo de João Café Filho²⁵, de quem era amigo íntimo.

Por outro lado, o pessedista Moysés Lupion, inimigo político de Munhoz da Rocha, também obteve vitórias eleitorais: em 1954 elegeu-se senador e, em 1955, elegeu-se novamente governador do Paraná, adotando um discurso de que resolveria os problemas fundiários nas regiões oeste/sudoeste e norte do estado – no qual acusou o governo de Munhoz da Rocha de não saber ou não querer resolver o problema da terra no estado –, além de também prometer mais investimentos em estradas, energia elétrica e outras obras de infraestrutura no interior do Paraná.

Referências Bibliográficas

BATISTELLA, Alessandro. O paranismo e a invenção da identidade paranaense. *Revista Eletrônica História em Reflexão*. Dourados: UFGD, v. 6, n. 11, p. 1-13, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1874/1044>

BATISTELLA, Alessandro. O sistema pluripartidário de 1945-1965 no Paraná: uma análise dos partidos políticos, governos e das eleições no estado. *Revista Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, v. 19, n. 2, p. 111-150, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/issue/archive>

BATISTELLA, Alessandro. *O Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)*. Curitiba: UFPR, 2016.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná (1853-1953)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2007.

²⁴ Após a renúncia de Munhoz da Rocha, o governo do Paraná esteve interinamente, durante o mês de abril, nas mãos do deputado petebista Antônio Annibelli, presidente da Assembleia Legislativa, até que uma eleição indireta elegeu Adolpho de Oliveira Franco como o governador responsável para concluir o mandato de Munhoz da Rocha. Segundo David Carneiro e Túlio Vargas (1994, p. 209), a eleição de Oliveira Franco, banqueiro e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil no Paraná, resultou do consenso dos grandes partidos, que aceitaram seu nome como ideal para a fase de transição, dada a sua neutralidade no próximo pleito sucessório.

²⁵ Bento Munhoz da Rocha Neto ocupou a pasta da Agricultura até novembro de 1955.

CARNEIRO, David; VARGAS, Túlio. *História biográfica da República no Paraná*. Curitiba: Banestado, 1994.

COSTA, Samuel Guimarães. *História política da Assembléia Legislativa do Paraná*. Curitiba: Assembléia Legislativa, 1994, v. 1.

FLEISCHER, David V. Dimensões do recrutamento partidário. In: FLEISCHER, David V. (Org.). *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília: UnB, 1981, v. I, p. 45-63.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. *Domínios da Imagem*. Londrina: UEL, Ano I, n. 2, p. 7-26, 2008.

IPARDES. *Resultados eleitorais: Paraná (1945-1982)*. Curitiba: IPARDES, 1989.

KUNHAVALIK, José Pedro. Bento Munhoz da Rocha Netto: trajetória política e gestão no governo do Paraná. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa (Org.). *A construção do Paraná moderno: políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, 2004, p. 143-230.

MAGALHÃES, Marion Brepohl. *Paraná: política e governo*. Curitiba: SEED, 2001.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho de Vento, 2001.

REBELO, Vanderlei. *Bento Munhoz da Rocha: o intelectual na correnteza política*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

SALLES, Jefferson de Oliveira. A relação entre o poder estatal e as estratégias de formação de um grupo empresarial paranaense nas décadas de 1940-1950: o caso do Grupo Lupion. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa (Org.). *A construção do Paraná moderno: políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, 2004, p. 35-142.